

A VIRTUALIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL: O UNIVERSO DO CAMMING E A PANDEMIA DA COVID-19

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; MARTHA RODRIGUES FERREIRA²;
RAFAELA GARCIA GIMENES³; HELOISA HELENA DA SILVA DUARTE
PEREIRA⁴; LOUISE PRADO ALFONSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

¹Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – Heloisaa.sdp@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada a respeito da ocorrência de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Após uma semana, no dia 7 de janeiro de 2020, houve a confirmação por autoridades chinesas de que se tratava de um novo coronavírus (SARS-CoV-2) causador da doença COVID-19, nunca identificado até então em seres humanos. Em apenas dois meses a OMS, no dia 11 de março de 2020, declara pandemia mundial da COVID-19 e dias depois, no Brasil, foram registradas as primeiras mortes em virtude da doença.

A partir de então, a internet passou a ser um dos poucos ambientes seguros, constituindo o "principal espaço de sociabilidade dos sujeitos quarentenados" (RAMALHO, 2020). A virtualização das relações sociais, dos corpos, dos desejos, dos interesses, das interações já estavam em curso, como consequência da midiatização (SILVA, 2017), mas no contexto de crise sanitária é potencializado. As pessoas passam a estar mais presentes no ciberespaço, contribuindo com o surgimento ou a maior exploração de diversos tipos de trocas, inclusive sexuais.

Em outras palavras, o ciberespaço também se apresenta como uma alternativa "para extravasar a libido quarentenal" (*idem*), como através do sexo virtual, também chamado de *camming*. Prática que se caracteriza com a existência de um ato sexual que tenha finalidade de satisfazer a libido do usuário/cliente, através de uma interação mútua e que seja mediado por uma *cam* (câmera de vídeo).

Cabe destacar que esta modalidade de trabalho sexual se diferencia da pornografia, mas ambas integram a chave maior: o trabalho sexual. Enquanto a prostituição virtual "exige uma interação mútua entre dois ou mais sujeitos através do uso de dispositivos digitais e mediante pagamento" (SILVA, 2017), a pornografia "se caracteriza pelo consumo de elementos sexuais audiovisuais sem a condição de estímulos recíprocos entre quem deseja e é desejado" (*idem*).

Tabela 1. Trabalho sexual

Trabalho sexual	Offline	Prostituição clássica
		Streptease, etc.
	Online	Chat online



		Sites de pornografia
		Camming/sexo virtual pago/prostituição virtual.

Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2021.

A partir da constatação da presença cada vez maior do *camming* nas mídias sociais, seja divulgadas por artistas, influencers ou até por pessoas próximas, passamos a levantar inúmeros questionamento a respeito da sua dinâmica, regras, relações, que culminou no desenvolvimento de uma pesquisa, no âmbito do projeto pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas e em articulação com os temas discutidos no projeto de extensão Mapeando a noite: o universo travesti, que será apresentada neste trabalho.

Os resultado desta pesquisa ainda foram apresentados no Workshop Sexualidade em rede: pornografia, trabalho sexual e seu consumo na pandemia, realizado na tarde do dia 11 de junho de 2021 e organizado pelo projeto. O workshop foi realizado em parceria com o CISGES da Universidade Santo Amaro (UNISA) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (Epoché), do curso de Psicologia da UFPEl; e, contou ainda, com a participação do Núcleo de Estudos AfroBrasileiros e Indígenas - NEABI, do Colégio Municipal Pelotense.

2. METODOLOGIA

Com caráter qualitativo, a investigação utilizou como método para observar o campo de pesquisa - as redes de relações estabelecidas no universo do *camming* - a netnografia coletiva. A netnografia consiste em uma variação do método etnográfico, originada na Antropologia Social, mas que é aplicado em “estudo de comunidades virtuais, visando o conhecimento acerca de sua cibercultura” (MESQUITA *et al*, 2018).

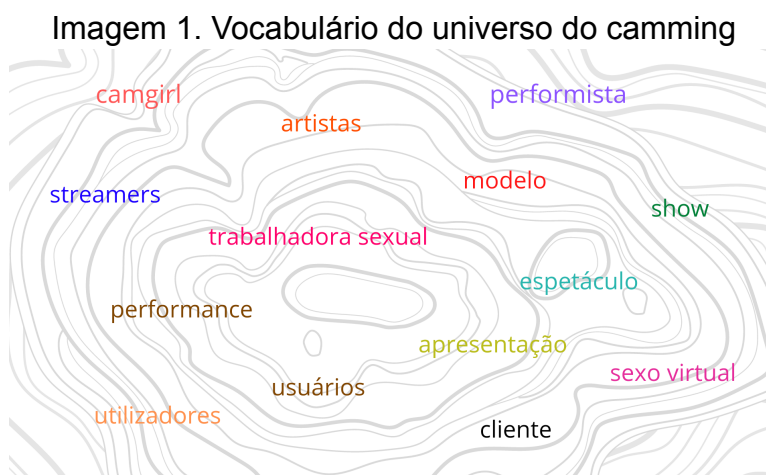
A equipe do projeto se dividiu em três grupos, a fim de fazer um levantamento do estado da arte a respeito da temática e para melhor explorar diferentes ambientes virtuais. Um grupo ficou responsável por mapear trabalhos mais recentes sobre o assunto, bem como construir um referencial de conceitos e teorias para análise dos dados. Outra parte da equipe ficou encarregada de coletar dados nas plataformas de *streaming*, Chaturbate e Camera Prive. O terceiro grupo fez navegações em outras mídias sociais (Facebook, Twitter e YouTube), já que são utilizadas na divulgação das páginas e perfis nas plataformas.

As incursões realizadas foram previamente planejadas em reuniões, nas quais foi decidido que aspectos seriam mais atentamente observados. Além disso, utilizou-se a abordagem interseccional para análise dos dados coletados, ou seja, foram considerados os diferentes marcadores identitários, como raça, classe, gênero, como forma de refletir como determinadas opressões operam nas experiências (PISCITELLI, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após meses de observação nas plataformas Câmera Privê (de origem brasileira) e Chaturbate (norte-americana) foi explorado e mapeado as abas dos

sites e as dinâmicas de interação que ocorrem nestas plataformas. E uma das primeiras constatações a respeito deste universo foi da existência de um vocabulário próprio, imerso em teias de significados (Imagem 1).



Autoria: Martha Rodrigues Ferreira, 2021.

Outras questões também observadas foram as formas de pagamento, as porcentagens que os sites cobram ou não cobram para que os clientes acessem determinados conteúdos, o que faz o site ser mais utilizado ou não.

A plataforma Chaturbate, lançada em 2011, é uma plataforma onde pessoas podem transmitir performances eróticas em lives e vídeos, se destaca pela possibilidade de acesso completamente gratuito e pela fácil interação entre modelos e espectadores, se transformando em uma das principais plataformas de sexo virtual. A interação acontece por meio de brinquedos sexuais, e os pagamentos são feitos por tokens. O token é uma cripto moeda utilizada para fazer pagamentos durante a transmissão dos shows de forma mais rápida. A popularidade da plataforma se mostra a partir dos números, contabilizamos entre 5 e 10 mil salas de vídeo ocorrendo simultaneamente por todo o mundo. O fluxo de visualização das salas de “mais sucesso” varia entre 14 e 8 mil espectadores.

A plataforma CameraPrive é brasileira e surgiu em 2013, atualmente conta com 14 mil modelos cadastrados e mais de 6 milhões de usuários. O site tem grande semelhança com a rede social Facebook e Instagram, como os perfis composto por fotos e descrições, onde as modelos descrevem a si e seus gostos, fetiches e regras, e a utilização de ferramentas para reagir às fotos com “curtir”, “amei”, entre outras. Além disso, para os/as/us usuários/as/us terem acesso às determinadas fotos e vídeos postadas ou para comprar a interação com as/os/us modelos, é necessário transferir uma taxa em dinheiro para uma carteira online do site.

Após as observações nas duas plataformas evidenciou-se que em sua maioria das/dos/es modelos/performers são mulheres cis, jovens, com idade entre 18 e 25 anos, brancas e que seguem um padrão definido pela indústria da estética e da moda (são magras, possuem cabelos lisos, etc) o que nos fez relacionar também a questão de classe - que é indissociável a questão de raça na realidade brasileira-, pois para se inserir virtualmente é necessário ter acesso a internet e domínio de tecnologias. Confirmando o que outras pesquisas apontam, a existência de uma migração de mulheres da classe média para o trabalho sexual virtual (CAMINHAS, 2020). Contudo, não se trata de um grupo homogêneo, observamos também a presença de mulheres trans, homens cis e

trans, outras pessoas pertencente a comunidade LGBTQIA+, pessoas negras, além de pessoas com vários outros marcadores identitários.

4. CONCLUSÕES

Mesmo se tratando de uma pesquisa que está em estágio inicial, foi possível evidenciar como a prostituição se complexifica na modernidade, pois nas plataformas do *camming* existem regras específicas de funcionamento; formas de pagamento com moedas virtuais; apresenta recortes de classe, raça, gênero e sexualidade; e, dinâmicas virtuais de interação consumidor-*streamer*. Nessa primeira incursão também percebemos um afastamento das plataformas em tratar as/os/us trabalhadoras/es/us sexuais como trabalhadoras/es/us, referindo-se ao grupo como modelos, colaboradores ou performistas, além dos próprios trabalhadoras/es/us sexuais se autodenominarem assim. Fato que pode estar relacionado a um estigma em relação a outras modalidade de trabalho sexual, mas também ao reconhecimento da prática como trabalho, o que contribui para entender o posicionamento tanto das plataformas como das/os/es trabalhadoras/es/us sobre o conteúdo criado nestes ambientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHAS, L. R. P. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas**. 232 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2020.

MESQUITA, R.; MATOS, F.; MACHADO, D.; SENA, A.; Baptista, M. Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**. V. 23, n. 2, 2018.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade E Cultura**, 11(2). 2008.

RAMALHO, N. O *camming* no Brasil: uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de pandemia. In.: SILVA, M. C. de O.; SIQUEIRA, L. F. S. (Orgs.) **Diálogos contemporâneos: gênero e sexualidade na pandemia**. 1. ed. São Luís, MA: Editora Expressão Feminista, 2021.

SILVA, A. D. M. da. **Janela indiscreta: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site câmera privê**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2017.